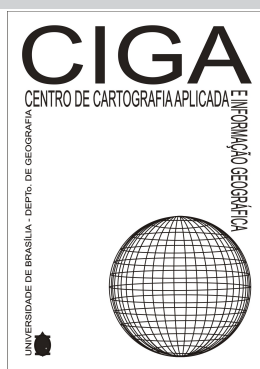


RESENHA

revista



T - T - T

Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
V.2, N.1 (2011), 1:4 ISSN:
2177-4366

DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v2i1.15435>

Territorialidade Quilombola: Fotos e Mapas”

Simão Souindoula

p. 01-04

Como citar esta resenha:

Simão Souindoula, Territorialidade Quilombola: Fotos e Mapas” - Rafael Sanzio Araujo dos Anjos, Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.2, n.1 (2011), p. 1:04 ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v2i1.15435>

Disponível em:

<http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/view/58/46>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

**“Territorialidade Quilombola: Fotos e Mapas” -
Rafael Sanzio Araujo dos Anjos, 2011**

Simão Souindoula

Membro do Comitê Científico Internacionall
Projeto Rota do Escravo da UNESCO
Email : souindoulasimao@yahoo.com.fr

BRASIL, UM TERRITÓRIO RURAL MARCADO PELOS BANTOS

Esta é a inevitável constatação que se faz após a leitura do atlas, modernista, bilíngüe português/inglês, “*Territorialidade Quilombola. Fotos e Mapas.*” publicado pelo enérgico geógrafo afro-descendente Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, em Brasília, pela *Mapas Editora e Consultoria*. Aos cuidados do autor, a edição ainda é acompanhada de DVD, prática corrente no país emergente.

Configurada, naturalmente, em grande formato, a obra, densa, se estende em 125 páginas e está articulada, substancialmente, em torno de quatro eixos, nos quais Sanzio, atualmente Professor no Departamento de Geografia da Universidade da capital federal, propõe análises sólidas sobre a emergência de espaços de insurgidos no Brasil colonial e imperial, entre 1530 e 1889, sobre a distribuição de bolsões insurrecionais, sobre o perfil arquitetônico, a organização das terras, o trabalho, os meios técnicos, os homens, as tradições culinárias nos antigos terreiros da liberdade, e por fim, sobre a realidade contemporânea, assim como os cruciais problemas sociais, estruturais, aos quais estão inevitavelmente confrontados hoje, os herdeiros das insurreições.

De modo a confirmar a proveniência, majoritária, dos *malungos*, o cartógrafo, nascido na famosa região do Recôncavo baiano, optou por ilustrar sua coletânea, não com uma ilustração provinda da iconografia brasileira, mas com a parte de uma casa do vilarejo de Kimpaka, situado no Baixo-Congo.

No intuito, esperado, de mostrar as similitudes, ele apresenta, no corpo da obra, velhas fotografias oriundas dos fabulosos acervos do *Musée Royal de l’Afrique Centrale*, em Tervuren, na Bélgica.

Para isto, seleciona belos retratos de homens bantos da foz do Rio Zaire, registrados por volta de 1908, e apresenta notadamente o retrato que imortalizou o chefe Kalamata e seus súditos, na localidade de Urua, além de outros retratos de guerreiros desta mesma região.

Rafael Sanzio também reproduz uma prancha fotográfica da segunda metade do século 19, registrada em Angola, que apresenta carregadores de marfim e de goma e que, certamente, puderam ser encontrados posteriormente no insaciável Brasil, país que tanto tardou para acabar com o tráfico negreiro transatlântico.

Consciente da importância desta área no povoamento negro do Brasil, ele reproduz a magnífica gravura de Olfert Dapper, de 1686, representando o impecável ordenamento urbano da « *stadt van Louango* » (*Cidade de Luango, em neerlandes*).

Bem informado acerca dos movimentos de escravos rumo à parte baixa do Rio Congo, região protegida pelo MRAC, ele tratou de inserir em sua plataforma cartográfica, fotografias do final do século 19, dos Bantos do Equador, registrados em suas atividades cotidianas, de produção artesanal – teares, cerâmicas – e fotografias dos diferentes perfis de suas habitações.

DESENVOLVIMENTO CADASTRAL

Buscando convencer com a iconografia, em sua tentativa de estabelecer convergências entre a África banto e a vida nos quilombos, o docente do Campus Universitário Darcy Ribeiro teve o cuidado em sua obra de integrar imagens de casebres em Maragogipinho, em Nazaré das Farinhas, na Bahia, de um curandeiro Kalunga, em Goiás, de cestarias de Mumbuca, no Tocantins, e das incontornáveis cerimônias de Candomblé, notadamente de cerimônias organizadas no antigo Quilombo do Itapuã, em Salvador.

A integração destes últimos suportes fotográficos condiz com todas as definições qualitativas atribuídas pelos Bantos ao *nlumbu*, e principalmente com aquela que o considera como “um lugar para estar em comunhão com Deus.

Pragmático, ele incorpora igualmente fotografias das famosas réplicas dos vilarejos quilombolas, construídas em torno do Museu do Cerrado, em Goiânia.

De modo a revelar o atraso do estágio de desenvolvimento em que se encontram os terreiros quilombolas, o engenheiro baiano insere em sua obra, não apenas imagens das réplicas, más fotografias das habitações atuais, onde residem os descendentes de antigos insurgidos. Encontram-se habitações com cobertura de sapê, em Mucugê, na Bahia.

Levando a diante o seu estudo comparativo, o autor integra em seu desenvolvimento cadastral, imagens de paisagens tropicais e equatoriais, nas quais viveram os insurgidos. Estes encontraram na América do Sul, a África central, das florestas e savanas.

Seguindo com a restituição geodésica das regiões sediciosas, o Diretor do Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da Universidade de Brasília, propõe mapas que indicam os portos de embarque, do século 16 ao século 19, destes futuros insurgidos.

PROTO-NAÇÕES

Encontra-se, obviamente, por entre outros portos de embarque, o tríptico Luango/Luanda/Benguela e a partir do século 17, os portos “moçambiques”.

Em seguida, são propostos mapas sobre a organização espacial das proto-nações, como a de Samambaia, constituída em 1770 e mantida durante dois anos, na estratégica região das Minas Gerais.

É apresentado um mapa absolutamente sintomático da intensidade do tráfico dos cativos da África central para a América do Sul, comprovando a predominância lógica dos congos/angolas (CA) na formação destes espaços de liberdade no Brasil.

Em suma, o grande mérito desta obra é ter estabelecido, por meio da imagem e da leitura topográfica, o *continuum* previsível das civilizações bantos no país do “Pau Brasil”, que permitiu aos quilombolas sobreviverem apesar da constante pressão militar exercida por parte dos capitães-do-mato e caçadores de *mocambos*.

Alguns deles resistiram graças à aplicação de conhecimentos adquiridos em suas sociedades de origem, tais como os conhecimentos ligados à agricultura, à pesca, à farmacopéia, à alimentação, ao artesanato utilitário, ao ordenamento do espaço, à arquitetura, à arte da guerra, à organização social e às crenças religiosas.

Herdeiros deste notável conjunto civilizacional, está quase certo de que estes descendentes conseguirão sair de sua marginalidade rural e do sub-desenvolvimento em que se encontram, no país “auriverde”, hoje em plena expansão econômica, e que se une com a África, donde provem quase um terço de sua população.

Link: www.rafaelsanziodosanjós.com.br